



Faculdade Pedro II

Curso de Graduação em Pedagogia

**A FIGURA MASCULINA DO PEDAGOGO EM UMA UNIDADE
MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL**

Belo Horizonte

2016

Átila Geraldo Amaral
Rafael Nunes da Cunha

**A FIGURA MASCULINA DO PEDAGOGO EM UMA UNIDADE
MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL**

Monografia apresentada ao curso de graduação de pedagogia da Faculdade Pedro II, como requisito parcial à obtenção do título licenciado em pedagogia.

Orientadora: Prof^a. Mercy Rodrigues Ligeiro

Belo Horizonte

2016

A FIGURA MASCULINA DO PEDAGOGO EM UMA UNIDADE MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL

Átila Geraldo Amaral
Rafael Nunes da Cunha

Monografia apresentada ao curso de graduação de pedagogia da Faculdade Pedro II, como requisito parcial à obtenção do título licenciado em pedagogia. Qualquer citação atenderá as normas éticas científicas

Monografia apresentada em: ____/____/____

Orientadora Prof.^a M.^a Mercy Rodrigues Ligeiro

1º Examinadora: Prof.^a M.^a

2º Examinadora: Prof.^a M.^a

Coordenadora do Curso: Prof.^a M.^a Mercy Rodrigues Ligeiro

Àqueles que são merecedores de todo o respeito, dedicação e confiança ao seu trabalho, muitas vezes não compreendido e sofredor de um preconceito insustentável . A vocês professores, ave!

Agradecimentos

Na vida existem momentos que temos que separar para agradecer a todos aqueles que nos ajudam a alcançar os nossos objetivos. Espero nestas singelas linhas poder ser justo com todas as pessoas e situações que me proporcionaram chegar até aqui.

Talvez não existam palavras suficientes e significativas que me permitam agradecer a todos com justiça, com o devido merecimento. Sua ajuda e seu apoio foram para mim de valor inestimável, mas é tudo o que me resta. Apenas posso me expressar através da limitação de meras palavras, e com elas lhe prestarem esta humilde, mas sincera, homenagem.

Agradeço à minha família, amigos, professores e instituições de ensino que de forma direta ou indireta tornaram essa caminhada menos árdua e possível. Por opção de justiça, não citarei nomes por receio de esquecer alguém, com exceção de três pessoas que seria inevitável não reconhecer suas cruciais colaborações:

Ao meu grande Mestre e Consumador de minha fé – JESUS CRISTO -, a minha fiel companheira, Gilmara Fernandes, pela compreensão, apoio e motivação nesta etapa final para a realização deste trabalho e ao meu sempre e prestativo companheiro na produção deste trabalho, Rafael Nunes.

A todos, os meus sinceros agradecimentos!

Átila G. Amaral

Agradecimentos

Começo a agradecer de forma muito especial a Deus por permitir que eu estivesse aqui com saúde. A todos os momentos de alegria e de felicidade que passei durante essa minha jornada.

Agradeço a minha família, meus pais e meus irmãos que sempre me apoiaram, agradeço à minha esposa Adriana e meus filhos, Cauã e João por nunca desistirem de mim, mesmo quando estive tão ausente em casa.

Não posso esquecer-me do meu companheiro de trabalho, Átila Amaral, um grande amigo que esteve o tempo todo do meu lado me apoiando muito e sendo um grande amigo nessa luta. Foi por conta do seu apoio que esse trabalho se fez e hoje estamos aqui.

Aos meus professores, em especial a professora Maria Helena Duarte de Oliveira por ser a primeira pessoa que me ajudou a organizar as idéias e formatar o tema de estudo, estando e sendo um grande exemplo de docente. A professora Jaqueline da Silva Gonçalves por ser uma professora muito atuante ao longo do curso e por estar ao nosso lado, a professora Edith Mafra com sua experiência e a nossa orientadora Mercy Rodrigues Ligeiro por acreditar no nosso trabalho mesmo não sendo um tema dentro de sua área de maior afinidade. Sei que muito da aceitação parte do entendimento na relevância da pesquisa.

Enfim, agradeço a todos que de alguma forma contribuíram para que essa pesquisa chegasse aqui.

A todos um muito obrigado!

Rafael Nunes da Cunha

A primeira sensação que experimento ao encontrar-me na presença de uma criatura humana, por humilde que seja a sua condição, é da igualdade originária da espécie. Uma vez dominado por esta ideia, preocupa-me muito mais do que ser-lhe útil ou agradável, o não ofender nem ao de leve a sua dignidade.

Tocquevill , Alexis

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2 .REFERENCIAL TEÓRICO.....	14
2.1 Contexto Histórico da Feminização do Magistério.....	14
2.2 Abordagem Discursiva: O Gênero na Educação.....	18
2.3 As Relações de Generificação na Educação.....	20
2.4 A Educação Infantil no Brasil : Surgimento e Expansão.....	22
3. METODOLOGIA.....	26
4 ANÁLISE DOS DADOS.....	28
4.1 Caracterização da Instituição.....	28
4.2 Rotina da Instituição.....	29
4.3 Percepção sobre a figura do Pedagogo.....	30
4.3.1 Perfil dos Sujeitos Entrevistados.....	30
5. CONSIDERAÇÃO FINAL.....	35
REFERÊNCIAS.....	38
ANEXOS.....	42

RESUMO

A busca pelo entendimento dessa presença masculina na educação infantil é o que nos motiva a evidenciar essa fissura no processo educacional. Encontrar motivos, trabalhar problemas e buscar o que se entende hoje como “certo” ou “melhor”, traz para todos nós uma grande satisfação de trabalhar com essa dúvida. A educação infantil é lugar pra homem? O que diz a comunidade escolar sobre isso e como se estabelece essa relação nos norteará. Homens e mulheres por tempos buscaram o reconhecimento de seu lugar na história, e não seria diferente dentro da escola. O preconceito e a desconfiança estão ainda muito presente em nossa sociedade? Perguntas assim poderão ser discutidas ao longo da pesquisa. Trabalhamos através de entrevistas, pesquisa exploratória e a busca pelo entendimento por meio dos livros, vislumbrando entender de que forma esse homem é visto dentro desta busca pela retomada de uma afirmação nesse espaço. Ainda nesse caminho, encontramos algumas respostas, questionamentos e dúvidas que ainda serão respondidas frente a mudança dos sujeitos ao longo da história. Esse homem hoje é muito mais presente na busca por esse espaço. Vimos como as crianças são receptivas à presença destes em sala de aula. Nessa mesma linha é possível notar uma necessidade por uma nova maneira de entender a escola e seus movimentos. Alguns pais os quais entrevistamos, nos deram uma boa impressão de que esse homem não mais é preterido na educação infantil como fora em outras épocas. Claro que ainda não é um número suficiente de professores que aceitam o desafio de estar à frente de uma turma de educação infantil, por vários motivos: medo da opinião popular, falta de conhecimento da importância deste lugar entre outros motivos. Em nossa pesquisa buscaremos elucidar algumas destas lacunas e defender a importância de se entender a educação infantil hoje. Reflitamos sobre tal condição de mudança da sociedade e de suas afirmações.

Palavras-Chave: Educação Infantil - relações de gênero - escola.

ABSTRACT

The search for understanding this male presence in children's education is what motivates us to show this fissure in the educational process. Find reasons, work problems and seek what is understood today as right or better, brings all of us a great pleasure to work with this doubt. Early childhood education is a place for man? Is so, will they? What does the school community about it and how to establish this relationship will guide us. Men and women for time sought recognition of their place in history, and it would be no different within the school. Prejudice and mistrust are still very present in our society? Questions like this can be discussed during the research. We work through interviews, exploratory research and the search for understanding within the books, glimpsing to understand how this man is seen in this quest for recovery of a claim that space. Also in this way, we find some answers, questions and doubts still to be answered face to change the subject throughout history. This man is now much more present in the search for this space. We saw how the children are receptive to the presence of these in the classroom. Along the same lines it is possible to note a need for a new way to understand the school and its movements. Some parents with whom we interviewed, they gave us a good impression that this man is no longer passed over in early childhood education and out at other times. Of course it is not yet a sufficient number of teachers who accept the challenge of being the head of a preschool class for various reasons, fear of popular opinion, lack of knowledge of the importance of this place among other reasons. In our research we seek to elucidate some of these gaps and advocate the importance of understanding childhood education today. Let us reflect on this change in condition of the company and its claims.

Keywords: Early Childhood Education - gender relations –

1. INTRODUÇÃO

Ao pensar sobre a realidade educacional e suas implicações nas relações cotidianas, no contexto das transformações sociais e políticas que vêm ocorrendo a partir da década de 1990, é que buscamos investigar nesta pesquisa a temática do homem professor na educação infantil. O interesse por esse tema surgiu durante a nossa inserção no curso de Licenciatura em Pedagogia, por sermos do sexo masculino, notamos o quanto nossa presença causava certa estranheza, manifestada no olhar “comentários” e “olhares” por parte de alguns discentes e docentes, nos sentindo por vezes “invisíveis” dentro da sala de aula. Em vários momentos no decorrer do curso questionamentos, posições e opiniões foram confrontadas de forma direta buscando uma visão mais racional e menos apaixonada para afirmarmos nossa escolha pelo curso de Pedagogia.

Vale ressaltar as dificuldades enfrentadas durante a realização dos estágios supervisionados onde deparamos com olhares de desconfiança por parte da gestão e docentes da escola ao disponibilizar apenas a disciplina de educação física para a prática do estagiário. Tal ação foi constatada quando o acadêmico Rafael Cunha foi realizar um de seus estágios supervisionados, e durante esse processo, o mesmo percebeu que houve uma discriminação em virtude da sua condição masculina, manifestada também no contato com os pais e mães dos alunos que estavam sob sua responsabilidade, tanto na chegada quanto na saída das crianças. Demonstrar para as professoras e os pais desses alunos que isso era algo normal foi um grande desafio. Em alguns momentos, foi possível o acadêmico presenciar os pais interrogando a criança sobre minha conduta do estagiário com eles nas aulas, além das ações pedagógicas. Foi difícil e desafiador quebrar a desconfiança e estabelecer uma relação de confiança. Essa mudança de conceito e de paradigma dependerá de uma construção processual e não imediata.

Sabemos que no exercício do magistério, na educação infantil e nos anos iniciais do ensino, existe um domínio da figura feminina legitimado por um imaginário social e político construído, ao longo de décadas, por determinadas representações da profissão como lugar do feminino.

Diante do exposto, algumas questões foram suscitadas: Existe algum tipo de preconceito da comunidade escolar diante da presença do homem professor na educação infantil? Como os pais e professores percebem a atuação do homem em

relação ao cuidar e educar na educação infantil? Quais são as dificuldades encontradas pelo professor, do sexo masculino no exercício do magistério na educação infantil? O que tem despertado o interesse de homens pela Educação Infantil?

Para responder às questões apresentadas a pesquisa teve como objetivo identificar qual a percepção da comunidade escolar em relação a inserção do homem na educação infantil.

Partimos do pressuposto de que o magistério na educação infantil, em virtude da representação histórica e social como lugar do feminino, é permeado por olhares equivocados e normatizados sobre a profissão, portanto requer mais investigação para desconstruir barreiras existentes e possibilitar debates sobre novas formas de configuração do magistério nessa etapa da educação.

A construção desse olhar de discriminação em relação à presença masculina nessa etapa da educação se deu em função do imaginário social, construído historicamente, de associar a maternidade, expressão de sentimentos e afetividade, carinho, sensibilidade, como características do universo feminino à função do magistério, determinando a conduta e comportamentos da relação profissional, legitimando-o como lugar do feminino. Portanto lhes caberia o “direito” e o “dever” de cuidar das crianças. Tal constatação, segundo Sayão (2005), “prevalece porque a profissão parece ter nascido colada ao gênero feminino”.

Entendemos que a mudança de paradigma é algo complexo e permeado de conflitos, por isso acreditamos que tal discussão trará para a comunidade escolar uma gama de possibilidades que podem corroborar com a ideia de agregar valor ao aprendizado da criança, bem como desmistificar a imagem deturpada do professor “homem”, por vezes visto como ameaça, com base numa construção social reducionista e conservadora. Para Ramos (2001, p. 62) “em conformidade a esse cenário de mudanças, a entrada de homens na educação infantil representa uma novidade de gênero”.

Nesse sentido, a presença masculina na fase inicial da educação formal das crianças tornar-se um lugar de disputa em relação à ocupação deste espaço antes dominado pelas mulheres, haja vista a procura do curso de Licenciatura de Pedagogia pelos homens. As estatísticas sobre essa demanda ainda são pequenas, considerando o quantitativo feminino, segundo pesquisa do MEC 2014, realizado

pela professora Daniela Auad, doutora em Sociologia da educação pela USP, revela que 1(um) em cada 100(cem) profissionais atuando na educação infantil é homem.

Entendemos que investigar o processo de mudança que vem acontecendo no magistério, mesmo que lentamente, com a inserção da presença masculino na educação infantil poderá contribuir para as reflexões sobre uma nova representação social em relação à profissão do magistério na educação infantil.

Para alcançar os objetivos da pesquisa realizamos uma revisão da literatura para aprofundar os conhecimentos teóricos sobre o tema, bem como subsidiar as análises dos dados coletados na pesquisa exploratória na UMEI Santa Cruz, em Belo Horizonte onde foi possível observar as relações no cotidiano escolar entre pais alunos e professor, e deste com seus colegas.

Os resultados da pesquisa são apresentados da seguinte forma: no capítulo 2 apresentamos o referencial teórico sobre o tema para situarmos o contexto histórico da feminilização do magistério. No capítulo 3 abordamos a discussão sobre o conceito de gênero e sua relação com a educação. Já no capítulo 4 discorreremos sobre o caminho percorrido na investigação. As análises possíveis são discutidas no capítulo 5 e por fim no capítulo 6 apresentamos as considerações finais.

2 .REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Contexto Histórico da Feminização do Magistério

Historicamente o acesso ao conhecimento era restrito aos homens, uma vez que a mulher não tinha acesso a vida pública na sociedade e o direito de serem instruídas de forma completa. À mulher era relegada o espaço da vida privada, a tarefa de esposa, genitora e cuidadora dos filhos que porventura tinham durante a vida.

Sob o conceito da época, a mulher era ignorante no quesito conhecimento formal, portanto, em relação a vida pública nas relações sociais e de trabalho as melhores e únicas oportunidades eram destinadas aos homens que podiam usufruir de cargos e do prestígio dentro dos padrões sociais considerados aceitos, pois segundo Louro (1997, p.16) “A segregação social e política a que as mulheres foram historicamente conduzidas tivera como consequência a sua ampla invisibilidade como sujeito inclusive como sujeito da Ciência”.

A busca por uma aceitação social da mulher foi uma grande conquista que se travou entre as grandes mulheres da época e a dura convicção de toda uma sociedade. Como toda mudança gera um grande desconforto, essa não seria uma exceção. Depois de muita luta e grandes discussões a mulher passou a ter “algum respeito e alguns poucos direitos” dentro de uma sociedade machista e conservadora.

Essa situação de “invisibilidade” que perdurou por séculos veio modificar-se com o advento da revolução industrial ocasionando um grande impacto da condição feminina. A esse respeito, afirma Louro:

É preciso notar que essa invisibilidade, produzida a partir de múltiplos discursos que caracterizaram a esfera do privado, o mundo doméstico, como o “verdadeiro” universo da mulher, já vinha sendo gradativamente rompido, por algumas mulheres. Sem dúvida, desde há muito tempo, as mulheres das classes trabalhadoras e camponesas exerciam atividades fora do lar, nas fábricas, nas oficinas e nas lavouras. Gradativamente, essas e outras mulheres passaram a ocupar também escritórios, lojas, escolas e hospitais. (LOURO, 1997, p.16)

A função que antes era vista como socialmente detentora de grande status social, o professor, deixa ou perde seu lugar para a nova possibilidade da época, a

Indústria. Sendo o lugar na indústria um grande “degrau” social para um novo olhar de toda uma época, a possibilidade de ingressar em algum cargo dentro desse novo momento da história, não podia ser perdido por aqueles que eram os grandes privilegiados no acesso aos lugares de destaque de um marcante “recorte histórico”. Ploennes ao analisar esse contexto explicita os seus efeitos:

O que estaria implícito nesse emaranhado de dados? Muito mais do que diferenças numéricas(...), além de a modernização do país a partir do século XIX ter direcionado a mão de obra masculina para outras profissões, abrindo cada vez mais espaço para as mulheres trabalharem nas salas de aula, há o desinteresse dos homens pela docência devido à falta de reconhecimento social do ofício e aos baixos salários, incompatíveis com a cobrança ainda existente de que eles sejam provedores de maior parte da renda familiar.(Ploennes,2012,p.1)

Conseqüentemente, ao dar grande importância ao fato de se colocar sob o olhar da fábrica, a função do professor teve que ser reformulada diante desse novo paradigma de re colocação de uma fatia da sociedade. O lugar desse homem era esperado na indústria uma vez que esse detinha o conhecimento reconhecido na época e podia agregar grandes valores a busca pelo lucro que fora almejado a todo instante pelos grandes industriários.

Nesse processo, a sociedade da época cedeu a uma nova forma de aceitar a mulher, dentro de todo o seu habitual processo discriminatório, mas não podia valorizar sua posição frente aos homens. Portanto, a função de educar e cuidar foi desqualificada com a intenção de suprimir e subestimar a capacidade feminina e sua inteligência, bem como delineando a relação entre gênero e educação como podemos observar nos estudos de Carvalho:

Como o processo de feminização do magistério esteve associado não apenas a fatores econômicos e de mercado de trabalho, mas igualmente a um processo de “maternalização” do ensino primário que tomava cada vez mais como modelo a relação mãe/filho. Através do emprego das mulheres como professoras, o ambiente familiar seria recriado no interior das escolas. Às professoras, ensinava-se a desenvolverem em sua atividade profissional as aptidões consideradas adequadas às “boas mães” (CARVALHO, 1995,p.13).

Frente a isso, a mulher passou a realizar um trabalho antes feito pelos homens, mas que a partir de agora era um trabalho menos importante frente a industrialização e seus desafios. Por se tratar de uma ocupação diminuída a mulher passou a realizá-la deixando o “grande lugar” para os homens. Dessa época até hoje esse espaço foi ocupado pelas mulheres que sofriam grande preconceito

referindo-se a menor inteligência, menor importância e pequena representação social frente às indústrias, nova moda na sociedade da época.

A medida que as transformações sociais ocorrem esse tipo de pensamento também sofre mudanças ao longo do tempo. Cada vez mais o modelo de organização social capitalista foi impondo ocupação para as mulheres e para os homens na busca de mão de obra, bem como expandir o mercado consumidor e por um lucro inatingível através de um trabalho cada vez mais desgastante. Portanto, o educar foi se consolidando num cenário onde as relações de trabalho vão se construindo de forma fragmentada e de desvalorização. A mulher que “conquistou” o direito de ocupar esse lugar se manteve nele e cada vez mais se confirmou como real ocupante dessa “fissura” no processo educacional das crianças. No entanto, a construção do imaginário social sobre a feminização da profissão se legitimou através de representações sobre a profissão como de segunda categoria e destinado somente às mulheres. Uma destas representações está ligada ao fato da mulher ser aquela que gera a criança e, portanto fica a cargo dela cuidar deste novo ser. Como a educação infantil está muito próxima dessa fase da vida, e é onde não se pode separar o educar do cuidar, não há porque se estranhar a naturalidade na continuação deste processo.

Contudo, as formas de organização de uma dada sociedade e as relações sociais estabelecidas não são imutáveis, ao contrário vão se redefinindo em meio as transformações sociais, políticas e econômicas em cada conjuntura histórica criando novos referenciais balizadores das relações sociais. E nesse aspecto, atualmente no Brasil, principalmente no início do século XXI, estamos vivenciando uma nova mudança no sistema de ensino em virtude da promulgação da CF/88 e da LDB 9394/96 ao reconhecer a Educação Infantil como primeira etapa da Educação Básica. Um dos impactos dessa mudança foi a expansão da oferta e a abertura de concursos públicos para professores/as para atuarem nesse nível de ensino. Podemos considerar que a partir desse momento inicia-se o ingresso de homens na docência da educação infantil. Para entender o significado desse novo cenário, historicamente constituído pela presença feminina, é que buscou-se verificar como a comunidade escolar percebe a presença masculina nessa etapa da educação identificando suas tensões.

Buscar compreender qual a percepção dos sujeitos envolvidos nesse processo poderia contribuir para as reflexões sobre a relação de gênero na

educação, e analisar a presença masculina na educação infantil como um novo indício para compreender as mudanças que caracterizam a representação do magistério sob a ótica social e da relação de gênero.

Sobre a relação de gênero na Educação Infantil Ramos e Xavier afirmam que:

No Brasil, a Educação Infantil é percebida, de maneira quase natural, como um espaço de atuação docente de mulheres. Se nos outros níveis e modalidades educativos não há interdição para o ingresso de docentes do sexo masculino, na Educação Infantil, espaço em que o binômio educar e cuidar é indissociável, essa entrada é explicitamente demarcada por ressalvas, desconfianças e preconceitos. (Ramos e Xavier, 2012,p.99)

A interdição do sexo masculino neste nível da educação pode ser analisada, para além do olhar naturalizado e pelo não pertencimento em relação à função, a partir da perspectiva de que tal inserção pode agregar um acréscimo cultural para as crianças de modo concreto, uma vez que segundo Sayão (2005,p.173) “Cuidar do corpo, da higiene ou da afetividade das crianças pequenas é parte essencial do processo educativo e humano, e tal função pode ser desempenhada por homens”. Apenas vedar o direito ao homem de pleitear a oportunidade de se dedicar ao trato infantil na educação, se coloca cada vez mais reforçadora de uma atitude discriminatória dentro de um olhar quase moral. A continuidade ou a reprodução desta maneira de pensar, reflete o que por vezes é visto e sentido por aqueles que por tal condição masculina sofrem efetivamente a real agressividade desse tratamento.

Entender a compreensão da sociedade em reproduzir a irônica aceitação do preconceito em relação ao gênero, é maior quando entendemos a cultura do país, das pessoas e principalmente, das instituições que a potencializam. A mudança histórica da ocupação masculina pela feminina ao longo do processo histórico e educacional reflete diretamente no olhar mais sóbrio em direção a uma mudança de paradigma.

A construção de uma real mudança na valorização não somente do trabalho masculino na educação infantil, mas também e antes de tudo isso, o ingresso destes homens no processo educacional, traz a tona uma real e dolorosa queda de um conceito aceito e autenticado como legítimo por uma sociedade na qual nos encontramos, e em algum momento também compartilhamos. O que nos muda na forma de pensar e agir, sob o olhar da diferença dos gêneros, é a possibilidade de

não apenas aceitar o que nos é imposto e valorizado como real e único, mas a oportunidade a partir deste pressuposto criar um caminho firme, acessível e principalmente coeso com princípios reais, que nos possibilita a trabalhar com a idéia de algo plenamente real e possível. Diferente das antigas decisões tomadas sobre tal aceitação, esse novo olhar busca compreender e ampliar de forma estruturante o novo contexto entorno desta discussão.

2.2 Abordagem Discursiva: O Gênero na Educação

Ao consultarmos o termo “Gênero;’ nos dicionários nos deparamos com uma definição ampla ligada aos aspectos biológicos. Segundo o dicionário da Academia Brasileira de Letras, o termo gênero significa:

Gênero *s.m* **1.** Conjunto de seres ou objetos que tenham caracteres comuns; espécie, tipo, classe, ordem, qualidade. **2.** (*Fig.*) Modo de, maneira, modo, estilo. **3.** (*Biol*) .Categoria ou classe animal ou vegetal intermediária entre espécie animal ou vegetal **4.** (*Lit.*) Cada uma das divisões que englobam obras literárias de características semelhantes. **5.** (*Ling.*) Categoria gramatical que classifica os nomes e dos pronomes de uma língua em masculinos, femininos ou neutros. **6.** Gênero humano: a espécie humana, a humanidade. (2008, p.631)

Segundo Ferreira (*apud* Guedes: 1986, p.844) “se formos nos guiar por esses sentidos, teríamos as espécies homem e mulher da chamada classe Humana. Ainda, segundo o lingüista Ferreira, o termo Gênero também poderia ser "qualquer agrupamento de indivíduos, objetos, idéias, que tenham caracteres comuns". Constata-se que o termo gênero possui diversas definições, nesse trabalho vamos utilizar a expressão gênero como categoria social, ou seja, como definidora da conduta e papéis de homem e mulher na sociedade. Pois , segundo Scott:

Na gramática, gênero é compreendido como um meio de classificar fenômenos, um sistema de distinções socialmente acordado mais do que uma descrição objetiva de traços inerentes. Além disso, as classificações sugerem uma relação entre categorias que permite distinções ou agrupamentos separados. (SCOTT, 1989, p.3)

Ao analisarmos a categoria gênero fora dos aspectos fisiológicos e biológicos descritos e apontados nas definições dos dicionários da língua vernácula, queremos

situar as representações das figuras homem/mulher em seus papéis sociais e do trabalho, na medida em que estes reproduzem as desigualdades de gênero. Em relação ao trabalho feminino Leal afirma:

(...) Esta inserção ainda é bastante desigual e reproduz desigualdades sociais e entre os gêneros, favorecendo a subalternidade feminina. Uma relação de subalternidade ainda persegue as mulheres não só no trabalho, mas também nos diferentes âmbitos da vida (político e social). (LEAL, 2011, p.5)

Os estudos sobre gênero e sexualidade intensificaram a partir dos anos sessenta, do século vinte, não só no campo do feminismo e dos estudos de gênero, como também no campo dos estudos da sexualidade. Esses estudos apresentam a tese de que o modo como alguém se comporta, age e se identifica é uma construção social, portanto, definidos e normatizados a partir de um determinado padrão cultural. Ser homem e ser mulher não é algo natural constituem-se em processos que acontecem no âmbito da cultura. (Louro, 2008)

Conseqüentemente, é notável os papéis pré-estabelecidos por homens e mulheres na sociedade contemporânea, é válido ressaltar que esses papéis não são conceitos estanques à sociedade vigente, mas sim fruto do cenário histórico que vem se consolidando ao longo do tempo.

Ao observarmos ao nosso redor, conseguimos perceber que a nossa sociedade, em relação ao gênero, constrói a posição de normalidade e a posição da diferença e de seus significados. Essa divisão social é percebida em todas as fases dos indivíduos, como por exemplo o hábito dos bebês meninos usarem roupas azuis, enquanto os bebês meninas trajam rosa, as meninas brincam com bonecas e eles de carrinho, dentre outras diferenças. Essa tendência tende a se consolidar e ficar ainda mais evidente na fase adulta em relação a divisão sexual das atividades na sociedade, como afirma Leal:

O fato é que a maioria das atividades relacionadas com a família, principalmente com a realização das tarefas domésticas ainda são realizadas pelas mulheres, parecendo ser inalterável a tão propalada Divisão Sexual do Trabalho, que destina a mulher ao espaço privado e o homem ao espaço público. O mais alarmante é que apesar dessas atividades exercidas pelas mulheres serem vitais para a sobrevivência e o bem-estar da família, logo, para a reprodução da força de trabalho atual e

futura, portanto, importante para o próprio sistema capitalista, elas são desvalorizadas. (LEAL, 2011, p.2).

Na esfera profissional, a estigmatização negativa de algumas funções, ocupações e até mesmo profissões tem dividido o trabalho em atividades femininas e atividades masculinas.

2.3 As Relações de Generificação na Educação

Ao adentrarmos os espaços de educação profissional e as instituições de ensino superior encontramos nas salas de determinados cursos uma maior concentração de mulheres em alguns segmentos em detrimento de uma maciça presença de homens em outros, como afirma Castro e Yamamoto:

(...)no conjunto de hipóteses com as quais trabalha, sugere que as carreiras masculinas são as de maior remuneração e prestígio no confronto com as femininas. Por outro lado, no momento mesmo da escolha da carreira, haveria uma diferença nas expectativas dos candidatos com relação às suas próprias possibilidades, sendo as do sexo feminino mais baixas, o que levaria à configuração de carreiras femininas. (Castro e Yamamoto, 1998, p.151)

Pesquisas realizadas pelo Inep (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa Anísio Teixeira), no Censo da educação de 2012, apontaram que cursos como engenharia, direito, medicina tem a grande maioria de seu público composto pela presença masculina, em contrapartida, nos curso de licenciaturas a presença feminina é “esmagadora”, com uma grande ênfase no curso de pedagogia onde a grande maioria dos acadêmicos, é composta por mulheres. Isso é corroborado por Pereira em sua tese de mestrado:

Há cursos que são escolhidos quase que exclusivamente por apenas um dos sexos, como o caso o de Pedagogia, que é um curso onde, na FaE/UFMG, por exemplo, mais de 90% das matrículas são de pessoas do sexo feminino. (PEREIRA: 2013, p.12)

O curso de formação do pedagogo, tendo estes números expressivos em relação ao sexo feminino em detrimento do sexo masculino, alinhado à representação cultural do papel da mulher como destinatária do cuidar de crianças,

corroborar para a formação de uma equivocada mentalidade que o curso de pedagogia é uma formação única e exclusiva do gênero feminino e que os homens que se interessam pela área tem a sua sexualidade e idoneidade colocada em dúvida. Esse fato é constatado nos estudos de Ramos:

Ao chegarem às instituições de educação infantil, os professores homens não permanecem incólumes às relações existentes nos espaços institucionais de educação infantil.

Por mais que, em alguns casos, a adaptação desses sujeitos aconteça em um período breve de tempo, nota-se, a partir das diversas entrevistas e nos vários grupos de discussão realizados para esta pesquisa, que esses professores precisam oferecer provas de idoneidade, competência, habilidade e, especialmente, de uma sexualidade que não ofereça riscos para as crianças. Dessa forma, eles vivenciam uma espécie de *período probatório* antes de serem, efetivamente, aceitos como integrantes das equipes de profissionais que cuidam de crianças pequenas e as educam. Tal constatação extrapola a exigência do cumprimento do estágio probatório, de 730 dias, previsto no art. 30 do Estatuto dos Servidores Públicos do Município como condição para estabilidade no serviço público. Para serem aceitos pela comunidade escolar, os professores do sexo masculino passam pelo crivo e pela vigilância dos adultos, especialmente quando a função no interior da instituição infantil exige a execução das funções relacionadas ao cuidado das crianças. (RAMOS, 2011, p.61)

Características como a capacidade de aceitar ou não a autoridade, ser mais ou menos agitado, manifestar a sexualidade cedo ou tarde, ser melhor ou pior em matemática, gostar ou não de determinadas profissões, estão todas, sem exceção, atravessadas por relações de gênero. São processos complexos que envolvem incentivos, censuras, representações entre outras. Relações de poder, em suma, marcam de “alfa a ômega” cada aspecto das pretensas diferenças entre mulheres e homens.

O estudo de Ramos sobre atuação de homens na educação infantil identificou que essa inserção é ínfima.

Os homens na docência de crianças pequenas na Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte (RME/BH) representam, em termos quantitativos, uma pequena parcela do total de docentes desse campo. Até o início desta pesquisa (2009), havia num universo de 1.837 docentes, apenas 14 professores do sexo masculino atuando na educação infantil. Esses dados não diferem muito do que ocorre também no país; pois uma pesquisa realizada pelo INEP, em 2007, constatou que dentre o total de 336.186 docentes que atuavam na educação infantil no Brasil, apenas 3,4% eram professores do sexo masculino. (Ramos, 2011, p.20)

Como evidenciado acima, o gênero na educação infantil é determinante da relação de trabalho, haja vista que a participação dos homens na educação infantil é mínima em relação ao sexo feminino, isso pode ser um dos fatores que explicam o estranhamento quando encontramos homens atuando em sala de aula com crianças. Infelizmente podemos constatar que ao longo do tempo criou-se um estigma que a docência está diretamente ligada ao sexo feminino, tal conceito tem se perpetuado em todas as esferas da educação, porém a situação torna-se mais evidente na educação infantil, pois segundo Lima :

Tabus criados pelo imaginário social que atribuem à mulher habilidades que demonstram uma afetuosidade acentuada, vinculada à imagem feminina diretamente associada aos cuidados maternos e ao lado carinhoso no ato de cuidar, construídos pela sociedade como sendo atribuições femininas, especialmente no exercício do magistério infantil. (Lima, 2008, p. 64)

No entanto, Lima (2008, p.64) ressalta que “o cuidado é uma dimensão humana, portanto, poderá ser desenvolvido tanto por mulheres como por homens no trabalho com crianças pequenas”.

Os estudos sobre a relação de gênero na educação, principalmente na Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental, apontam que a inserção do homem nas atividades de docência é algo novo, conseqüentemente gera tensões e estranhamento dos sujeitos envolvidos no processo, portanto é preciso intensificar os estudos e análises sobre esse fenômeno na perspectiva de compreender sua forma estruturante.

2.4 A Educação Infantil no Brasil : Surgimento e Expansão

Ao pensarmos no surgimento da Educação infantil é indissociável não pensar no surgimento da fase da vida conhecida como infância.

Com o reconhecimento da existência da fase infantil, surgiu uma “necessidade” de instruir e cuidar do indivíduo o qual a ela pertencia, como afirma Gonçalves:

(...) fator importante para o nascimento da Pedagogia é o surgimento da noção de Infância, no século XVII, quando ela “torna-se uma preocupação moral para o adulto”, diferente da sociedade medieval, que não tinha uma preocupação sistemática com a infância; a ela não era atribuído os mesmos sentimentos de hoje. No século XVI, a criança era considerada um brinquedo, uma forma de divertimento e distração do adulto. Mas, no século XVII, a partir da preocupação moral com a criança, a infância passa ser vista “como um período negativo da vida, que deve ser curado” e essa tarefa de cura é então, assumida pelos religiosos, uma vez que a família não era considerada capaz de corrigir e preservar a infância.

(Gonçalves, 2015, p.32)

É necessário compreender a origem da Educação Infantil no Brasil e como se deu a ampliação de sua atuação enquanto área habitualmente feminina.

Falar da creche ou da educação infantil é muito mais do que falar de uma instituição, de suas qualidades e defeitos, da sua necessidade social ou da sua importância educacional. É falar da criança. De um ser humano, pequenino, mas exuberante de vida. (DIDONET, 2001).

Apenas trabalhar com a idéia de que devemos criar relação entre a Educação Infantil e a entrada dos homens, não pode ser entendida como única forma de compreender toda a concepção histórica desta mudança de paradigma.

Nem sempre a Educação Infantil gozou de atenção e respeito na formação da criança, sendo utilizada em seu início como lugar semelhante à família. No Brasil as creches surgem com a revolução industrial para atender a uma necessidade latente na época de contribuir para a criação de um lugar onde as crianças, filhos dos funcionários das fabricas, pudessem estar enquanto estes pais estão em horário de trabalho.

“O nascimento da indústria moderna alterou profundamente a estrutura social vigente, modificando os hábitos e costumes das famílias. As mães operárias que não tinham com quem deixar seus filhos, utilizavam o trabalho das conhecidas mães mercenárias. Essas, ao optarem pelo não trabalho nas fábricas, vendiam seus serviços para abrigarem e cuidarem dos filhos de outras mulheres.”(PASCHOAL E MACHADO,2009)

É importante lembrar que as crianças eram vistas e notadas como adultos em miniaturas e tratados como tal. Existir um espaço voltado para estas crianças, é antes de tudo uma conquista importante para o entendimento da valorização do processo de formação da criança.

“Os estudos que atribuem aos Jardins de Infância uma dimensão educacional e não assistencial, como outras instituições de educação infantil, deixam de levar em conta as evidências históricas que mostram uma estreita relação entre ambos os aspectos: a que a assistência é que passou, no final do século XIX, a privilegiar políticas de atendimento à

infância em instituições educacionais e o Jardim de Infância foi uma delas, assim como as creches e escolas maternais”. (KUHLMANN, 2001, p. 26).

Ainda nesta linha de raciocínio, vale lembrar que esta origem é insipiente diante de toda uma necessidade, mas de extrema valorização para o processo em si. No Brasil a creche foi criada exclusivamente com caráter assistencialista, diferente essa instituição das demais criadas nos países europeus e norte-americanos, que tinham nos seus objetivos o caráter pedagógico. Essas diferenças nos faz analisar a especificidade, para que se possa compreender o caminho desse nível de ensino, no caso brasileiro, e na relação que existe com o contexto universal.

“É interessante ressaltar que, ao longo das décadas, arranjos alternativos foram se constituindo no sentido de atender às crianças das classes menos favorecidas. Uma das instituições brasileiras mais duradouras de atendimento à infância, que teve seu início antes da criação das creches, foi a roda dos expostos ou roda dos excluídos. Esse nome provém do dispositivo onde se colocavam os bebês abandonados e era composto por uma forma cilíndrica, dividida ao meio por uma divisória e fixado na janela da instituição ou das casas de misericórdia. Assim, a criança era colocada no tabuleiro pela mãe ou qualquer outra pessoa da família; essa, ao girar a roda, puxava uma corda para avisar a rodeira que um bebê acabava de ser abandonado, retirando-se do local e preservando sua identidade. (PASCHOAL E MACHADO, 2009)

O entendimento da sociedade sobre a expansão do atendimento da Educação Infantil, visando uma maior amplitude de contemplação do serviço, é algo pequeno ainda e tratado como irrelevante no quesito formação da personalidade desta criança. Este espaço muitas vezes era visto e notado apenas como um “depósito de crianças”, um lugar apenas de brincar despreziosamente como se o brincar não fizesse parte do processo de formação desta criança. Entendimentos como esses dão conta de uma maneira errônea de se enxergar este lugar diante da sociedade. Portanto sendo entendido de forma errada, este não é valorizado da forma correta, muito parecido com o rebaixamento da profissão do professor ao longo da história.

Atender mais e melhor a sociedade com um bom serviço, para suprir uma necessidade, é função do governo. Sendo assim, todo esforço para que este serviço seja melhor ofertado é algo válido.

“As tendências que acompanharam a implantação de creches e jardins de infância, no final do século XIX e durante as primeiras décadas do século

XX no Brasil, foram: a jurídico-policial, que defendia a infância moralmente abandonada, a médico-higienista e a religiosa, ambas tinham a intenção de combater o alto índice de mortalidade infantil tanto no interior da família como nas instituições de atendimento à infância” (PASCHOAL E MACHADO, 2009)

Em um processo de ampliação da prestação de serviço, a Educação Infantil foi ganhando uma maior valorização juntamente com um maior respeito à criança. Esta que por vezes foi vista e notada como um ser sem importância social por ser entendida como “uma tabua rasa” sem nenhuma contribuição para a sociedade, sem conhecimentos prévios, como um ser que seria completado com o conhecimento de um adulto ganha ao longo deste reformular de pensamento uma maneira particular de ser valorizada em todo este processo.

Avançando um pouco mais nessa caminhada evolutiva, chegamos a LDB 9394/96 que trás uma relevante mudança em relação à Educação Infantil no Brasil, que foi a inclusão desta como primeira etapa da educação básica. Serviço este ofertado e garantido por lei como direito da criança e do adolescente.

Como aumentou a demanda de ocupação destas novas vagas de serviço na Educação Infantil, é importante existir ações que permitam que se possa suprir de maneira aceitável tais postos de trabalho. Um recurso utilizado foi a criação de concursos públicos para ocupação destas novas vagas, e neste momento, podemos criar uma ligação entre esta necessidade com o aumento do interesse de homens na Educação Infantil.

“Educar significa, portanto, propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros, em uma atitude de aceitação, respeito e confiança, e o acesso pelas crianças, aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural.”(BRASIL, 1998a, p. 23).

De modo particular, notar a presença de homens nesse momento da história faz com que entendamos que o que aconteceu e ainda acontece com a Educação Infantil está em constante ebulição de ações que faz com que notemos de fato a importância real do processo de formação da criança e de como é salutar a diversidade para uma melhor interação entre crianças e professores, trabalhando constantemente com a visão social das relações.

3. METODOLOGIA

Na primeira etapa da pesquisa realizamos uma revisão da literatura em livros, sítios eletrônicos e periódicos para aprofundar nossos conhecimentos sobre a temática abordada e para construção do contexto histórico da feminização do magistério no Brasil, a mudança de paradigma vivenciada na atualidade em relação ao gênero no magistério na educação infantil. Esse referencial teórico fundamentou as análises dos dados coletados na pesquisa de campo.

Os principais autores utilizados na construção do referencial teórico foram Cardoso (2004), Sayão (2005) Ferreira (2008) Louro (2008), Carvalho (1999), Ramalho (2002), Araújo (2006), Ramos (2011) entre outros.

Na segunda etapa foi desenvolvida a pesquisa de campo na Unidade de Educação Infantil Cajolex, Belo Horizonte, Minas Gerais. O objetivo desta fase foi obter informações sobre o ponto de vista da comunidade escolar em relação à figura masculina na docência na educação infantil.

É válido ressaltar que a escolha do campo para a realização da pesquisa se deu devido ao fato da Unidade de Educação Infantil Cajolex ser uma das raras instituições de educação infantil da Rede Municipal de Educação Infantil de Belo Horizonte a qual havia, no período da elaboração da pesquisa, um homem atuando na docência em sala de aula.

Um dos procedimentos de coleta de dados utilizados foi entrevista aberta, com roteiro previamente elaborado, com uma professora do sexo feminino e com a coordenadora pedagógica da escola, com objetivo de identificar qual a visão destas em relação ao trabalho do professor. Ressaltamos que foi entrevistado somente um professor, do sexo masculino, pois era o único trabalhando na instituição.

Foi elaborado um roteiro de entrevista, autoapliativo, e entregue para 6 pais(3 do sexo masculuno e 3 do sexo feminino) e devolvidos no prazo estabelecido. Os questionários (roteiro de entrevista) foram elaborados previamente.

Foi também realizado uma entrevista direcionada com o professor atuante na na Unidade de Educação Infantil Cajolex, previamente elaborada

Outra técnica de coleta foi a observação *in loco* na Unidade de Educação Infantil Cajolex , Belo Horizonte, no período de trinta dias, em dois momentos distintos e em horários alternados, para acompanhar o cotidiano escolar . Esse procedimento possibilitou cruzar as informações obtidas nas falas dos respondentes

com a sua prática, bem como acompanhar as atividades realizadas pelo professor em diferentes espaços: dentro da sala de aula, nos momentos de lazer, na entrada e saída dos alunos, a relação com os pais e com os gestores.

Essa fase nos proporcionou um contato com o espaço e os sujeitos envolvidos no processo de mudança que vem ocorrendo em relação à inserção dos homens na docência de crianças pequenas. Buscou-se identificar qual a visão dos professores, dos pais e dos gestores em relação à essa mudança.

No próximo capítulo apresentaremos as análises dos dados coletados durante essa fase da pesquisa.

4 ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo serão apresentadas as análises dos dados coletados na pesquisa exploratória com objetivo de responder qual a percepção da comunidade escolar sobre a inserção do professor masculino na educação infantil e as percepções do professor frente a essa mudança de paradigma - o docente homem na educação infantil. O termo comunidade escolar aqui é entendido como os sujeitos envolvidos no processo educativo, pais, professor/a e gestor.

Os resultados foram analisados com base nas informações extraídas dos questionários respondidos pelos pais e nas entrevistas com uma professora e a diretora da instituição, ambas do sexo feminino, e com um professor, do sexo masculino. Salientamos que nessa escola só encontramos um professor homem.

Antes de apresentar os resultados julgamos pertinente apontar algumas informações sobre a escola pesquisada para que o leitor possa conhecer um pouco sobre o espaço onde os sujeitos convivem cotidianamente.

4.1 Caracterização da Instituição

Por motivo de sigilo e segurança, não divulgaremos o endereço completo da instituição, somente o bairro, regional e cidade. A instituição será intitulada como CAJOLEX. A escola está situada no bairro Santa Cruz , pertencente à Regional Nordeste em Belo Horizonte- MG. Foi municipalizada em 2009 e atualmente atende 320 crianças de 3 a 6 anos. As atividades são oferecidas em horário integral e em horário parcial. No momento, são nove turmas em cada turno (manhã e tarde).

A escola passou por reforma com instalação de cobertura no pátio, construção de banheiros com acessibilidade, reestruturação de salas de aula e sala de professores, reestruturação da cozinha para atender aos princípios das Unidades de Alimentação e Nutrição.

A unidade é planejada para economizar água e energia elétrica e promover o descarte correto de resíduos por meio da coleta seletiva. Nessa unidade as torneiras são aeradas, as válvulas de descarga possuem regulagem de vazão e as áreas externas são permeáveis, o que permite o reaproveitamento da água da chuva, contribuindo para uma economia de quase 35% em comparação aos sistemas convencionais.

A instituição tem capacidade para atender 320 crianças. A estrutura segue o padrão das outras Umeis da cidade, contando com pátio coberto, área de circulação, salas de repouso e de atividades, salas de aula, banheiros infantis e para adultos, cozinha, refeitório, despensas, área de serviço, vestiários, sala de reunião, secretaria, coordenação e depósito. Na área externa há parquinho, estacionamento e jardins.

A utilização dos parquinhos é realizada através de escalas por turma. Observamos que o espaço é bastante utilizado, assim como era notável a empolgação das crianças na utilização do mesmo. O parquinho é composto por 02 escorregadores, 01 circuito, 01 casinha. A área externa é composta por 01 quadra, 01 horta, 01 anfiteatro e área gramada.

A instituição está localizada na região nordeste. Sua localização está a 3,1 quilômetros de um dos maiores shoppings da cidade, na Avenida Cristiano Machado, a principal avenida da região. Próximo a instituição há um número considerável de comércios, incluindo postos de gasolina. As ruas são todas asfaltadas e contam com boa infraestrutura e aparentemente com totais condições de saneamento básico. Não observamos nenhum posto médico e/ou hospital próximo à escola.

O público atendido pela escola é formado em sua maioria por moradores do entorno da instituição, o que nos leva a deduzir que o mesmo é composto por crianças de classes diversas.

4.2 Rotina da Instituição

A rotina diária da instituição de Educação Infantil é uma sequência de atividades diversificadas que auxiliam a criança a orientar-se no espaço/ ambiente e ao professor(a), para dar sequência ao planejamento e projetos desenvolvidos.

Uma rotina adequada à idade permite que a criança desenvolva sua autonomia e estruture sua “independência” dentro do ambiente.

Cada instituição organiza sua rotina, mas a que observamos era organizada em momentos que contemplam o cuidar e educar. A rotina se manifesta da seguinte maneira:

Acolhimento (hora da chegada);

- Explicitação da rotina;
- Lanche;
- Rodinha;
- Parque ou pátio (atividade na área externa);
- Atividades coordenadas pelos (a) professores (as): Cada dia da semana há uma atividade diferente programada de acordo com o planejamento e as linguagens que devem ser contempladas: Linguagem Oral e Escrita, Matemática, Artes: plástica-visual, Natureza e Sociedade, Digital, Música, Movimento, além de atividades que propiciem o desenvolvimento da identidade e autonomia);
- Jantar;
- Higiene;
- Jogos/ brincadeiras
- Preparação para saída.

Pelo que pode ser comprovado através da observação e relatos informais de alguns pais, existe bastante harmonia na relação entre instituição e família, uma vez que, há uma vasta demanda de procura de vaga na instituição, o que podia ser constatado com a enorme lista de espera de vaga. Ainda através da observação foi possível perceber a maioria dos pais dedicam, ainda que de forma efêmera, um pouco de seu tempo para dialogarem com a equipe da instituição assuntos referentes às crianças e rotinas pedagógicas.

Durante o tempo que passamos na instituição não presenciamos nenhum tipo de situação que demonstrasse insatisfação em relação ao serviço prestado pela Unidade de Educação Infantil Cajolex.

4.3 Percepção sobre a figura do Pedagogo

4.3.1 Perfil dos Sujeitos Entrevistados

Os sujeitos que participaram da pesquisa, agrupados na tabela abaixo, apresentam o seguinte perfil:

Sujeitos	Sexo	Idade	Formação
Professor “X”	Masculino	33	Geografia/Magistério
Professora	Feminino	32	Pedagogia
Coordenadora	Feminino	38	Pedagogia
Pai -1	Masculino	43	Sup. Completo
Pai - 2	Masculino	35	Ens. Médio Incomp.
Pai -3	Masculino	39	Ens. Médio Comp.
Mãe - 1	Feminino	28	Ens. Médio Comp.
Mãe - 2	Feminino	23	Ens. Médio Incomp.
Mãe - 3	Feminino	26	Superior Incompleto

Fonte: Pesquisa realizada na Unidade de Educação Infantil Cajolex – BH/MG agosto/2015

Ao analisarmos as respostas dadas pelos pais e mães dos/as alunos/as sobre a reação diante do fato de ter um professor homem na educação infantil, todos manifestaram um sentimento de estranhamento.

Em relação à prática do professor homem, em relação ao cuidar e educar na educação infantil, disseram não haver problemas, pois se sentem satisfeitos com a realização do trabalho realizado pelo professor. Isso pode ser constatado na fala de Mãe 1:

“Bom, para mim em um primeiro momento confesso que me assustou um pouco, pois nunca tinha visto professor na educação infantil, mas hoje confesso, foi uma surpresa muito boa e ele é muito competente”

Esse ponto foi constatado durante as observações realizadas na unidade. A prática do Professor “X” dentro da sala de aula é realizada de forma semelhante à das professoras. Desempenha as atividades com competência, visto que os resultados da turma são satisfatórios.

A realização de pesquisas sobre a inserção do homem na educação infantil é algo incipiente justamente pelo fato de ser este um campo profissional construído socialmente por uma imagem ligada ao feminino, portanto implica num processo de mudança de paradigmas, e para que ocorram mudanças é preciso tempo. Os estudos de Louro, 2003 e Scott, 1995, atestam que a relação de gênero e trabalho

são construtos sociais que determinam comportamentos e definições de papéis sociais sobre o que é trabalho de mulher e o que é trabalho de homem.

Buscamos perceber se existe por parte dos sujeitos pesquisados atitudes de grande estranhamento em relação a presença do professor homem na escola. Conforme os estudos históricos do magistério no Brasil a Educação Infantil é percebida, de maneira quase natural, como um espaço de atuação docente de mulheres (Carvalho, 1995). Nesse sentido, essa inserção masculina não está insenta de disputa de poder, perpassado pela correlação de força entre os gêneros para reconhecer esse espaço como de direito também do masculino. A maioria dos/as entrevistados/as, de forma tácita, manifestou um olhar de estranhamento precedido à normalidade ao se referir ao professor na escola. Assim se reporta a Professora:

“(...) foi muito tranquilo, foi muito bem recebido, é como uma mulher, só que é um professor!”

Esse imaginário social ainda está internalizado nos indivíduos na sociedade, mas já dá mostras de novos olhares sobre a discussão. Ainda a resposta da Professora da escola aponta esse indício:

“Engraçado, nós(elas) já estamos na educação mas nunca vimos um professor homem na educação infantil, já vimos no fundamental. Estranhei, mas não por não achar que não deva ter homem cuidando de crianças, mas por nunca ter visto. Disse que legal, é bom uma referencia masculina!”

Em outro relato de uma Mãe 2, registramos a seguinte fala:

“Ele dá um show em muita mulher, é criativo e as crianças aceitam bem, impõe mais respeito. Meu filho mesmo, por exemplo, gosta muito mais das aulas de educação física dada por um professor homem do que por uma professora, lá na escola dele. O professor “X” não deve nada à mulher nenhuma.”

Ainda que os “estudos sobre gênero continuem priorizando as análises sobre as mulheres, eles estarão agora, de forma muito mais explícita, referindo-se também aos homens” (LOURO, 2001, p.22). Isso nos mostra como de fato se coloca esse homem na educação infantil atualmente.

Em relação à limitação do homem para o exercício do magistério na educação infantil, nossas observações nos indicam o contrário, trata-se de uma

construção social fundamentada no senso comum e que perpetua, em muitas ocasiões, sem um questionamento epistémico que determina as representações sobre quais funções são de homem e quais são as de mulher, que os homens não conseguem estabelecer uma convivência afetiva com a criança pequena. Claro que ainda a referência é a feminina, porém após o período o qual tivemos a oportunidade de realizar estudos e pesquisas em livros, e observações da rotina de algumas crianças em seu espaço de educação infantil, consideramos que tal atividade pode ser realizada por ambos, cada um ao seu modo, na medida em que somos seres constitutivos de particularidade definidora de nossas subjetividades.

Contudo, as rupturas não ocorrem sem tensões durante o processo. Isso foi identificado na entrevista do Professor “X” quando interpelado sobre o início do trabalho na instituição, relatou sobre a dificuldade de aceitação por parte de alguns pais, que o receberam com estranheza.

Contrariamente, como observado *in loco*, por parte das crianças, foi uma relação inversa, visto que foi muito bem aceito e respeitado. E afirma, “as crianças não o vêem com o olhar desconfiado e de espanto como constatado em alguns adultos. Para as crianças trata-se apenas e tão somente de um professor”.

Foi possível constatar que Tanto as observações quanto as análises das entrevistas explicitaram que não há diferença entre o trabalho realizado pelo homem e o realizado pela mulher nessa fase da criança. Na observação das práticas pedagógicas foi possível atestar o profissionalismo do professor observado e acompanhado. Nos relatos da supervisora e da professora da instituição foi enfatizado em relação a organização e planejamento do ensino aprendizagem. Sabe-se que as diretrizes curriculares para a educação infantil são referências para elaboração deste planejamento, o que foi constatado tanto nas observações como na entrevista.

Nas observações realizadas na escola, o Professor “X” nos apresentou algumas atividades propostas aos/as alunos/, um exemplo foi a atividade do salão de beleza, para trabalhar conceitos numéricos, onde os mesmos participaram de toda o processo desde o tipo de serviços à definição dos preços de produtos. Desta forma o professor elaborou e desenvolveu a aprendizagem de matemática forma lúdica.

Enfim, a pesquisa aponta indícios que tanto os docentes como os pais entrevistados, atestam que essa mudança em relação ao gênero do profissional

para esse nível de ensino é positiva. Vale ressaltar que mesmo com as análises à luz de Sayão, Louro e Ramos que tratam a questão do gênero como foco central de suas discussões, podemos encontrar ligação direta entre o que diz tais autores e como se nota suas afirmações e constatações e a maneira como enxergamos a prática direta dos entrevistados.

Portanto afirmamos ser positiva e por vezes necessárias as mudanças nos paradigmas que engessam um procedimento de construção de caráter e formação para a vida que se consolida a educação infantil.

5. CONSIDERAÇÃO FINAL

Após apresentarmos as informações referentes à relação de gênero existente dentro do processo educacional, que se estabelece em nossa pesquisa na educação infantil, é possível enxergar uma sistematização direta entre a necessidade e a realidade existente nessa ruptura do processo. Ainda podemos buscar dentro dos textos de autores como Scott e Louro referências de como a relação de gênero é um tema que necessita de muita atenção e zelo.

Entrar nesse assunto por sermos do sexo masculino já foi uma primeira barreira, superada pela busca de entendimento desta condição no processo educacional. Podemos ver e relatamos no corpo da pesquisa como se estabelece a relação de gênero de forma direta ao longo da história, de como essa mudança foi acontecendo e como se estruturou a educação frente a toda essa mudança. Trabalhamos com a importância devida ao processo histórico de entendimento dessa complexa evolução, pois sem entender essa mudança de fato não poderia obter uma sustentação coesa para compreender tanto o conceito de gênero quanto entender todo esse “alarido” de informações frente à educação infantil hoje.

Ao passar nossa pesquisa diante do conceito de gênero, nos deparamos com uma condição muito particular de autoconhecimento, pois sendo nós do sexo masculino, foi desafiador compreender todas as mudanças para que nós pudessemos adentrar de maneira efetiva na escola e em seu processo educacional.

O embasamento da pesquisa utilizando o pensamento de Ramos e Xavier foi capaz de nos fazer pensar como a estruturação do entendimento da maneira de se estabelecer a educação infantil pode ser vista e entendida muitas vezes como uma relação de força, tensionada entre homens e mulheres. Algo totalmente descartado após a leitura da pesquisa. Não devemos estabelecer nenhum enfrentamento entre os sexos, pois a cumplicidade de ambos fará com que a educação obtenha ganhos expressivos em sua consolidação.

Em nossa prática efetiva na sala de aula, notamos como o contato deste professor com as crianças é algo totalmente visto por elas como um trato profissional, sem a conotação preconceituosa que ainda é muito estabelecida em nossa sociedade, quando se trata de educação infantil e seu contato com o sexo masculino. No entanto, Lima (2008, p.64) ressalta que “o cuidado é uma dimensão humana, portanto, poderá ser desenvolvido tanto por mulheres como por homens no

trabalho com crianças pequenas”. Portanto é algo ainda muito notado o estranhamento desse cuidado feito por homens, que são minoria e devem ser respeitados. É uma grande novidade para os pais destas crianças esse professor em contato com seus filhos. Foi relatado através dos questionários entregue aos pais, como existia um estranhamento por parte deles para com a informação de que na educação infantil o regente de turma seria um homem. Mas com o trabalho feito de maneira profissional e muito comprometido, esse estranhar foi dando lugar à admiração.

Essa procura dos homens pelo ingresso na educação e mais especificamente a infantil vem aumentando ao longo do tempo para suprir uma carência no sistema. A falta de professores para abastecer o quadro dos profissionais da educação é um grande motivo, e sendo esta entrada dando-se por concurso público, é garantido a este homem que este não possa ser discriminado por condição masculina. Em nossa pesquisa exploratória dentro da Unidade de Educação Infantil Jocaulex no bairro Santa Cruz em Belo Horizonte, o que podemos atestar é que muitos ali e até entre os pais dos alunos existia uma dúvida sobre a capacidade deste professor dentro da sala de aula. A condição masculina muitas vezes pode ser corrompida com o pensamento de que é acrescida de falta de carinho, ausência de “jeito” com as crianças. Características estas que são totalmente descartadas com nosso observado, uma vez que este se esforça para que seu trabalho seja reconhecido por uma avaliação positiva.

Enfim, é possível que esse espaço educacional ainda muito vinculado ao sexo feminino, hoje seja acrescido de uma gama considerável de indivíduos do sexo masculino para agregar conhecimento, particularidades, intenções, ações, enfim, trazer para a educação infantil as possibilidades de contato real dos dois sexos com a criança em seu período de formação moral. Nesse período é muito satisfatório que essa criança possa ter contato com as diferentes formas de abordagem para que a mesma seja mais bem atendida.

Vale sempre ressaltar que a educação carece de bons profissionais e esses devem ser tanto homens quanto mulheres. Não se podem criar preconceitos que façam com que este seja diminuído frente ao sexo, cor, crença... A visão maior para o processo educacional deve sempre estar acima de toda divergência. Por fim o olhar político de um processo voltado para a adequação de qualquer divergência será capaz de aparar tais arestas existentes por uma luta de gêneros circundada

pela busca de espaços e valorização de um trabalho particularmente importante. Educação sempre estará na pauta de grandes discussões que envolvam uma melhor forma de se conviver, de se respeitar e de se entender o olhar ético sobre si.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 1988, 305 p.

BRASILEIRO, Ada Magaly Matias. **Manual de Produção de Textos Acadêmicos e Científicos**. Ed Atlas S.A. São Paulo, 2013.

CARDOSO, Frederico. **Homens fora de lugar? A identidade de professores homens na docência com crianças**. GT: Gênero, Sexualidade e Educação / n.23. Agência Financiadora: CNPq. Disponível em : <
<http://30reuniao.anped.org.br/trabalhos/GT23-3550--Int.pdf>> Acesso em :
07/09/2014.

CARVALHO, Marília P. **Entre a Casa e a Escola: Educadora de 1º Grau na Periferia de São Paulo**. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Brasília* V.76, n174 set./Nov. 1995. Disponível em:
<HTTP://www.rbep.inep.gov.br/index.php/RBEP/article/viewFile/266/268>. Acesso em:
06/11/2013.

CASTRO, A.E.F., & YAMAMOTO, O.H. **A psicologia como profissão feminina: apontamento para estudo**. *Estudo de psicologia*, n3, v1, 147 – 158, 1998.

DIDONET, Vital. **Creche: a que veio, para onde vai**. In: **Educação Infantil: a creche, um bom começo**. Em Aberto/Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. v 18, n. 73. Brasília, 2001. p.11-28.

GUEDES, Maria Eunice Ferreira. **Gênero, o que é isso?** *Psicologia: Ciência e profissão*, Brasília, vol 15, nº 1 ao 3, 1995. disponível em : <
www.scielo.br/scielo.php?script=sci_artetext&pid=S1414-9> Acesso em: 12/10/2014.

GONÇALVES, Jacqueline da Silva. **Pedagogia da Educação Infantil: Avanços, Desafios e Tensões**. 1 ed. Curitiba – PR. Editora Appris, 2015

KUHLMANN JR., Moisés. **Infância e educação infantil: uma abordagem histórica**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

LEAL, Caroline Maria. **Divisão sexual e social do trabalho: reprodução das desigualdades de gêneros** [online] Disponível em:

http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2011/CdVjornada/JORNADA_EIXO_2011/QUESTOES_DE_GENERO_ETNIA_E_GERACAO/DIVISAO_SEXUAL_E_SOCIAL_DO_TRABALHO_REPRODUCAO_DAS_DESIGUALDADES_DE_GENERO.pdf.

acesso em 18/03/2015

LIMA, Carmen Lúcia de Souza. **Fazeres de gênero e fazeres pedagógicos: como se entrecruzam na educação infantil**. 158f. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Piauí. Teresina, PI. 2008.

Disponível em:

http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=176903 . Acesso em: 28/03/2015.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. 6. Ed. Petrópolis – SP: Editora Vozes. 2003.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero Sexualidade: pedagogias contemporâneas**.

[online] Disponível: <http://www.scielo.br/pdf/pp/v19n2/a03v19n2.pdf> acesso em 13/03/2015

PASCHOAL, J.D.; MACHADO, M.C.G.; A História da Educação no Brasil: Avanços, Retrocessos, e Desafio Dessa Modalidade Educacional. **Revista HISTEDBR**, Campinas, n.33, p. 78-95, mar 2009

PEREIRA, Flávia Goulart. **Homens no curso de pedagogia: “ As razões do improvável”**. 2013. 176f. Tese. Programa de Pós-Graduação em Educação:

conhecimento e inclusão social. Universidade Federal de Minas Gerais. 2013.

Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/BUBD-9EFFH6>. Acesso em : 02/04/2015.

PLOENNES, Camila: *Fora do Lugar?*. **Revista EDUCAÇÃO**. São Paulo. V.1, Ed.185, set.2012. Disponível em: <http://revistaeducacao.com.br/textos/185/fora-do-lugarminoridade-em-todos-os-niveis-de-ensino-os-267505-1.asp>. Acesso em: 02/01/2014

PINCINATO, Daiane Antunes Vieira. **Homens e masculinidades na cultura do magistério: uma escolha pelo possível, um lugar para brilhar** (São Paulo, 1950 – 1989) 2007. 298f. Tese. Faculdade de Educação. Universidade de São Paulo. São Paulo, SP. 2007. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-29012008-164403/pt-br.php> . Acesso em: 25/03/2015.

RAMOS, Joaquim. **Um estudo sobre os professores homens da educação infantil e as relações de gênero na rede municipal de Belo Horizonte – M.G.2011**. 140f. Dissertação. Programa de Pós-graduação em Educação. Pontifícia Universidade Católica. Belo Horizonte, MG. 2011. Disponível em: http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Educacao_RamosJ_1.pdf. Acesso em: 25/02/2015.

RAMOS, Joaquim; XAVIER, Maria do Carmo. **Percepções da comunidade escolar sobre os professores homens na Educação Infantil**. [online] Disponível em: <http://www.fumec.br/revistas/paideia/article/view/1581>. acesso em:15/02/2015.

SAYÃO, Deborah Thomé. **Relações de Gênero e trabalho docente na educação infantil: um estudo de professores em creche** .2005. 274f. Tese. Programa de Pós-Graduação em Educação – Centro de Ciências da Educação. Universidade Federal de Santa Catarina. 2005. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/106572/223081.pdf?sequence=1>. Acesso em: 05/ 05/2015.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade ; uma introdução às teorias do currículo** / Tomaz Tadeu da Silva. – 2. ed., 7ª reimp. – Belo Horizonte: Autentica, 2004. 156p.

SCOTT, Joan. **Gênero: Uma categoria útil para análise histórica** [online]

Disponível em:

http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf. Acesso em 15/03/2015.

SOARES, Leôncio. **Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente/** organização de Leôncio Soares...[et al.]. – Belo Horizonte: Autentica, 2010. 771p. – (Didática e pratica de ensino).

YOUSSEF, Antônio N. **Dicionário Escolar de Língua Portuguesa: Academia Brasileira de Letras**. 2 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

ANEXOS

ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA OS FAMÍLIAS

O propósito deste questionário é coletar dados sobre a participação masculina na educação infantil. Suas respostas serão de grande valia para o presente estudo e será preservada a identidade dos respondentes. Desde já agradeço sua atenção e colaboração.

1. Qual sua opinião sobre a educação infantil nos dias atuais?
2. É relevante, em sua opinião, o contato das crianças com uma realidade próxima de sua vida?
3. Você tem contato direto com a escola de seu filho, sendo parte ativa na formação dele?
4. Quala foi sua primeira impressão ao conhecer o professor de seu/sua filho(a)/ Você acredita que o sexo biológico do professor/professora influencia no tratamento dado a seu/sua filho(a)?
5. A escolha do sexo do docente para atuação na Educação Infantil é mais relevante que a formação e habilitação que o mesmo possui?

ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA O PROFESSOR “X”

1. Há quanto tempo você trabalha na área da educação?
2. Há quanto tempo você trabalha na Unidade de Educação Cajolex?
3. Qual a sua formação acadêmica?
4. Qual o motivo que o levou a interessar pela educação infantil?
5. Como foi o primeiro contato com as crianças no início de suas atividades na escola Cajolex?
6. Como foi o primeiro contato com os familiares das crianças no início de suas atividades na escola Cajolex?
7. Como foi o primeiro contato com os colegas de trabalho no início de suas atividades na escola Cajolex?
8. Quais foram os maiores empecilhos que você enfrentou e enfrenta em sua rotina na escola Cajolex ?
9. Qual o seu parecer sobre o panorama da diversidade de gênero de docentes na educação?

ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA A PROFESSORA

1. Há quanto tempo você trabalha na área da educação?
2. Há quanto tempo você trabalha na escola Cajolex?
3. Qual a sua formação acadêmica?
4. É a primeira vez que você trabalha com um homem na educação Infantil?
5. É a primeira vez que você trabalha com um homem professor na educação Infantil?
6. Como foi o primeiro contato com o docente na trabalho na escola Cajolex??
7. Como você considera o trabalho do Professor “X” na instituição?
8. Como as crianças reagiram e reagem com a presença do Professor “X” em sala de aula?
9. Qual o seu parecer sobre o panorama da diversidade de gênero de docentes na educação infantil?

LISTA DE FIGURAS

Foto 2: Fachada lateral da Unidade de Educação Infantil Cajolex



Foto 3: Fachada lateral da Unidade de Educação Infantil Cajolex



Fonte: fotografia dos autores

Foto 4: Pátio da Unidade de Educação Infantil Cajolex



Fonte: Fotografia dos autores

Foto 4: Refeitório da Unidade de Educação Infantil Cajolex



Fonte: fotografia dos autores

Foto 5: Banheiro da Unidade de Educação Infantil Cajolex



Fonte: fotografia dos autores

Foto 6: Parque da Unidade de Educação Infantil Cajolex



Fonte: fotografia dos autores

Foto: Sala de Aula da Unidade de Educação Infantil Cajolex



Fonte: fotografia dos autore

Foto: Horta Coletiva da Unidade de Educação Infantil Cajolex



Fonte: fotografia dos autores